



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

17 de Setembro 2014



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Em Dia

Data: 17/09/2014

Assunto: Ideb

Página: 18

DIÁRIO CATARINENSE

EM DIA

O TEMPO PERDIDO NA EDUCAÇÃO



GLAUCIO JOSÉ CORTE
Presidente da Fiesc

São recorrentes as notícias de que os níveis da educação brasileira encontram-se muito abaixo dos obtidos pelos países desenvolvidos. De fato, foram frustrantes os recentes resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Depois de ter alcançado a maior parte das metas estabelecidas em 2011, as médias dos anos finais do ensino fundamental e brasileiros ficaram aquém do esperado para 2013.

Arregaçar as mangas para reverter um quadro negativo pode ser o caminho para o ensino brasileiro

Considerando que quem já está na frente tende a avançar com mais facilidade, o Brasil precisa correr para chegar aos padrões internacionais. E isso é perfeitamente possível, com trabalho sério de todos os agentes envolvidos. A educação profissional acaba de realizar a Olimpíada do Conhecimento, reunindo 800 estudantes, predominantemente do Senai, de todo o país, em Belo Horizon-

te. A competição comprovou a excelência da nossa educação profissional, que exigiu dos alunos o cumprimento de tarefas de alto padrão. Para Santa Catarina, o resultado foi, ainda, mais admirável, com a conquista de oito medalhas de ouro (sete pelo Senai-SC e uma pelo Senac-SC), o que lhe garantiu o terceiro lugar, atrás, apenas, de São Paulo e Minas Gerais.

O evento foi marcado por histórias de superação, como a de Rafael Oening, do Senai de Blumenau. Com baixo desempenho no primeiro dia de provas, ele se concentrou, se esforçou e buscou a medalha de ouro em administração de sistemas de rede, conquistando, além disso, a melhor nota entre todos os competidores catarinenses. Arregaçar as mangas para reverter, em prazo razoável, um quadro negativo pode ser também o caminho para o ensino brasileiro. Afinal, a educação continua sendo o principal fator de alcance do crescimento nação e de boas oportunidades para todos. O Brasil tem pressa. Para recuperarmos o tempo perdido, uma boa escolha será a disseminação, no país, da metodologia da "educação por competência", aplicada com sucesso pelo Senai.



Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Sua Vida	Data: 17/09/2014
Assunto: Ciência sem Fronteiras		Página: 27

DIÁRIO CATARINENSE

Universidade inglesa reclama de estudantes brasileiros

A Universidade de Southampton, no sul do Reino Unido, reclamou da falta de dedicação de estudantes brasileiros bolsistas do Programa Ciência sem Fronteiras. Os bolsistas receberam um e-mail da Science Without Borders UK (SwB UK), parceira do programa no Reino Unido, dizendo que a instituição cogitou “deixar de oferecer estágios para estudantes no futuro”. O estágio, componente central da bolsa, é obrigatório. O e-mail, enviado sábado aos bolsistas, diz que o SwB UK foi contatado devido as reclamações das faculdades sobre o comparecimento e a aplicação nos estudos. Na mensagem, o SwB UK diz ter pedido os nomes dos bolsistas que não estão se dedicando o suficiente e há chances de eles terem que devolver o que receberam do programa. A universidade está no topo de rankings de instituições voltadas à pesquisa. No ano passado, recebeu 38 brasileiros e, no final deste mês, recebe mais 33.

Procurada, a SwB UK respondeu que o e-mail “não deveria ter sido enviado aos alunos, que foi um erro administrativo”. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) disse que o programa trabalha com parceiros internacionais capacitados, aos quais cabe acompanhar “os estudantes quanto a problemas de relacionamento com a universidade, de adaptação à cultura, problemas de saúde e de desempenho acadêmico”.

“

É decepcionante ouvir que os resultados têm sido bastante baixos e que [os estudantes] não têm se esforçado. Entendo que isso não se aplica a todos vocês. No entanto, gostaria de pedir que se esforcem mais e que cumpram todos os compromissos.

SWB UK

Parceira do Ciência sem Fronteiras



Notícias do Dia

Educação e Estado



Lídio Leopoldo Pinheiro

Administrador e pedagogo

Quando vejo na propaganda eleitoral as promessas sobre educação e quantidade de escolas e universidades construídas me faz refletir sobre o tema: "Educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (Constituição Brasileira, artigo 205). Como podemos observar, numa análise mais atenta, o Estado se coloca como educador, que ao lado da família tem o dever de educar o cidadão. O fato de o Estado estar construindo escolas e mantendo o apoio estrutural ao ensino à disposição da sociedade, não significa que esteja fazendo educação e sim, apenas fornecendo condições estruturais de ensino e instrução.

Segundo o professor Libâneo: "Educação é um conceito amplo que se refere ao desenvolvimento unilateral da personalidade, do caráter, da moral". Portanto, está inserida num contexto holístico sócio cultural de uma nação. Deixando claro que não é função exclusiva da escola educar, e sim instruir através do ensino aprendizagem. Essa celeuma passa para a sociedade a imagem de que educação, instrução e ensino são a mesma coisa. Embora exista uma ligação entre esses componentes, precisa ficar claro que são processos diferentes. É possível instruir sem educar e educar sem instruir; a sociedade está cheia de exemplos de pessoas instruídas sem educação e pessoas educadas sem

instrução. Ensino é ação, meios, ferramentas e técnicas para organização da instrução. Estão ligadas porque quem instrui precisa estar instruído.

Neste sentido, pressupõe-se que a educação é responsabilidade da escola e dos professores. Quando na verdade podemos afirmar que quem educa é a família e a sociedade. A escola oferece somente condições de instrução e aprendizagem. Um aluno educado absorve melhor o conteúdo instrutivo.

De que forma o Estado poderia educar? Somente através dos bons exemplos ao administrar bem os recursos públicos. Pela moral, virtude e caráter dos servidores do Estado. Quando o Estado não age com lisura, acaba deseducando e anulando todo o trabalho da família, da sociedade e da própria escola no processo de instruir e educar. Por exemplo, quando não pune os corruptos, quando protege os apadrinhados, quando aceita em nome de uma pseudo democracia, que pessoas sem o mínimo de instrução se candidatem a cargos eletivos que deveriam ser preenchidos por pessoas instruídas; pessoas que assumem cargos de alto nível de responsabilidade social por indicação sem a competência necessária e de moral duvidosa; quando a mesma lei é aplicada para punir o pobre e inocentar o rico; quando gasta milhões de reais com obras que são abandonadas inacabadas; quando investe mal no sistema educacional, saúde, infraestrutura etc.

O bom exemplo educa mais eficientemente do que uma rede de escolas



Quando o Estado não age com lisura, acaba deseducando e anulando todo o trabalho da família, da sociedade e da própria escola no processo de instruir e educar.



Para manifestar sua opinião em artigos ou cartas, envie textos para opiniao@noticiasdodia.com.br ou redacao@noticiasdodia.com.br. Artigos, com 2.500 caracteres e devem ser acompanhados do nome do autor, e-mail



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Todos pela Educação	Editoria: Educação	Data: 16/09/2014
Assunto: Ideb		Página: Online



OPINIÃO: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO

"A evasão no Ensino Médio e, agora, no Ensino Superior, também assustam", afirma Vivina do C. Rios Balbino

Fonte: Estado de Minas (MG)

O Índice do Desenvolvimento do Ensino Básico (Ideb) inova e subsidia políticas de Educação com metas a serem atingidas até 2021. Dados de 2013 mostram que o Ensino fundamental (1º ao 5º) no Brasil alcançou a meta melhorando de (4,7 para 4,9). Destaque para Minas Gerais com três anos de liderança com média 6,2 superando as médias nacionais.

Pernambuco, Rio de Janeiro e Santa Catarina também tiveram destaque. Entretanto, nos anos finais do Ensino fundamental (6º ao 9º anos), a meta não foi alcançada: a nota 6,5 desceu para 6,3. As piores notas são do Pará, Rio Grande do Norte e Alagoas.

O Ensino médio continua sendo o maior desafio. A meta nesse âmbito era de 3,9 e ficou em 3,7. Considerando o Ideb total redes pública e privada 23 estados ficaram abaixo da meta. Ficaram acima da média Amazonas, PE, RJ e Goiás. Na rede estadual de Ensino, que detém 80% das matrículas, apenas cinco estados estão acima da meta: AM, Piauí, PE, GO e RJ.

Os outros 20 estados mais o Distrito Federal ficaram abaixo da meta esperada. Nos anos finais, a meta era 4,4, mas o resultado foi de 4,2. Melhores índices foram de MG, GO, Acre, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Importante destacar e analisar melhorias em regiões diversas e fora do eixo tradicional.

O Ensino médio constitui o maior nó da Educação brasileira e primordialmente é responsabilidade dos estados. A União tem o papel de induzir e sustentar políticas para melhorias. As ações do Ministério da Educação (MEC), com os estados, têm aumentado e precisam ser intensificadas. O governo precisa pactuar currículos e metodologias com os gestores locais.

Com o Plano Nacional da Educação (PNE), o MEC terá que coordenar esse processo de articulação e trabalhar para a construção de uma base nacional comum levando à melhorias. Ponto positivo visto pelo ministério é que os esforços feitos nos anos



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

iniciais do Ensino fundamental surtiram efeitos com índices melhores. Usando articuladas estratégias de ações entre União e estados poderemos ter também melhorias nessas etapas críticas.

Pela primeira vez, o Ideb identificou queda nas notas do Ensino médio e no último ano do fundamental, caindo de 5,7 para 5,4. O aumento de matrícula de Alunos da rede pública na rede privada decorre da melhoria de renda dos brasileiros? São dados preliminares que precisam ser analisados. Importante o programa Pronatec voltado para o mercado de trabalho no Ensino médio, mas é preciso reforçar o Ensino médio com conteúdos e metodologias competentes que preparem melhor Escolas públicas para as universidades com o ingresso pelos programas de inclusão como Enem, Prouni, Ssisu e cotas.

Com conteúdos sólidos em todas as áreas do conhecimento, o Aluno precisa estar bem preparado para as universidades.

A evasão no Ensino médio e, agora, no Ensino superior, também assustam. Em 2012, apenas 51,8% dos jovens de até 19 anos haviam concluído os anos finais da Educação básica brasileira segundo o relatório do IBGE "Todos Pela Educação". Por que tanta evasão e como manter o Aluno na Escola na adolescência? O Brasil perde R\$ 9 bilhões com evasão no Ensino superior que, em 2013, teve a marca de 7,3 milhões de matrículas nos cursos de graduação: presenciais e cursos a distância.

A média da evasão em 2009 foi de 20,9%, segundo censo do MEC. Apenas 47,2% dos estudantes se titularam após quatro anos de curso. São dados novos, complexos e preocupantes, que demandam pesquisas e análises minuciosas e ações efetivas para melhorar esse grave quadro de evasão.

O gasto público com Educação no Brasil representa 6,1% do Produto Interno Bruto (PIB) e em 2012 foi de 6,4, estando acima da média da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), assim como acima de outros países latino-americanos como Chile, México, e Colômbia. Como percebemos, a destinação de verbas para a Educação é boa e maior que muitos países que estão com melhores índices que o Brasil.

Com certeza, falta uma gestão competente e eficaz em todos os níveis de Ensino capaz de converter os altos gastos públicos em ganhos reais na qualidade de Ensino da Educação brasileira.

*Psicóloga, mestre em educação, professora universitária, autora do livro Psicologia e psicologia escolar no Brasil



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Todos pela Educação	Editoria: Educação	Data: 17/09/2014
Assunto: Escola Integral		Página: Online



ESCOLA EM DOIS TURNOS

Nº de matrículas na rede particular para o Ensino Fundamental Integral cresceu 77% de 2010 para 2013

Fonte: O Estado de S. Paulo (SP)

As matrículas em Educação integral nas Escolas particulares de São Paulo cresceram 77% em apenas três anos no Ensino fundamental. Segundo dados do Censo Escolar da Educação básica, do Ministério da Educação, o número de Alunos matriculados no Estado nessa etapa de Ensino saltou de 29.256 em 2010 para 51.869 em 2013 (último levantamento publicado pelo governo federal).

Com mais tempo de aula e Professores com dedicação exclusiva, as Escolas de Ensino integral incluem matérias que vão além do currículo Escolar comum e aproveitam o contra turno para focar em habilidades do século 21 – como empreendedorismo e robótica. Também investem em uma Educação personalizada, criando disciplinas de acordo com as demandas dos Alunos. Para a Educadora e doutora em Educação pela PUC-Rio Andrea Ramal, no entanto, não basta a Escola oferecer mais aulas, é preciso ter um planejamento estratégico da grade de estudos. “O Aluno precisa ter espaço para descansar, horário de estudo e de fazer tarefas, além de lazer.

Todos esses tempos devem ser cuidadosamente planejados”, considera. Segundo ela, é importante ainda adaptar o espaço físico para atender a todas as demandas. “Não é só colocar mais horas de Ensino, precisa ter salas de leitura, locais de esporte e lazer”, aponta. Com tantas cobranças extras, muitos pais indagam: tem idade mínima para colocar o Aluno em uma Escola de tempo integral?

Para Andrea, essa escolha é positiva em qualquer idade. “Desde a Educação infantil até o Ensino médio, permite enriquecer e diversificar o currículo”, explica. “Na Escola tradicional, há uma prisão muito grande das disciplinas básicas”, afirma.

A especialista ressalta, no entanto, que o aumento do horário Escolar deve vir acompanhado da diversidade de conteúdo. “É preciso ter um currículo atraente, mais inclusivo e atrativo, garantindo renovação do modelo atual.” Agricultura. No Colégio Termomecânica, uma Escola em tempo integral gratuita mantida pela Fundação Salvador Arena, em São Bernardo do Campo (SP), os Alunos começam desde cedo a



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

ter um currículo diverso. Nessa Escola, do 1.º ao 3.º ano do Ensino fundamental, as crianças já têm, por exemplo, aulas de agricultura.

Nas aulas as crianças aprendem sobre o plantio e a adubagem de plantas e consomem os alimentos que elas próprias plantam, além de acompanharem a extração de leite e a criação de bovinos. “O objetivo não é formar técnicos agrícolas. É conscientizar o Aluno de que ele faz parte de um meio e que as atitudes dele vão influenciar esse meio”, explica o Professor da disciplina, Gilberto Santos Filho. Felipe Siqueira dos Santos, de 8 anos, do 3.º ano, por exemplo, ensinou os pais como fazer adubo na horta de casa. “O adubo fortalece a planta, porque tem nutrientes e material orgânico”, explica ele, animado.

A colega de Santos, Ana Beatriz Barros Silva, de 9 anos, aprendeu nas aulas a como mexer coma terra. “Agente já plantou alface, almeirão e alcachofra. Alguns desses alimentos foram selecionados para o nosso almoço”, conta. Já no Ensino fundamental 2 (do 6.º ao 9.º ano), os Alunos têm aulas de robótica e aprendem a fazer programação. Na disciplina, eles criam os próprios robôs em equipes e podem participar da competição anual de robótica da Escola. Cassia Lyra, de 13 anos, do 8.º ano, gostou tanto das aulas que começou a fazer oficinas extras de robótica.

Com conhecimento avançado, ela não pode competir –mas se tornou tutora de Alunos até mais velhos. Por mais de uma hora, quatro vezes por semana, ela ainda treina para competições nacionais e internacionais. “Meu sonho é fazer Mecatrônica. Antes achava isso encantador, mas estudava em Escola pública e não podia fazer”, conta. No Colégio Faap, em Higienópolis, na região central de São Paulo, as aulas de robótica são oferecidas em parceria coma faculdade homônima – que pertence à mesma fundação.

Lá, os 200 Alunos do Ensino integral recebem ainda preparação para a universidade e para o mercado de trabalho. “Recebíamos muitos Alunos na faculdade com carência de habilidade intelectual e postura. Então, passamos a oferecer o Ensino médio para prepará-los para essa etapa”, explica o diretor Henrique Vailati. O contra-turno das aulas na Escola é usado para trabalhar habilidades como empreendedorismo e inovação, além de aulas extras de inglês e português.

Com a preparação, muitos acabam indo estudar no exterior. “Essas são habilidades pedidas pelas universidades estrangeiras”, reforça Vailati. Para Gabriel Ribeiro, de 19 anos, que cursa o 3.º ano no colégio, as aulas do período integral já propiciam ambiente universitário. O pai de Gabriel, o advogado Nelson Ribeiro, de 62 anos, afirma que a escolha do período integral é fundamental para distribuir o tempo. “É um preparo para a vida adulta”, diz o pai.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Nas redes públicas, as Escolas integrais são as “meninas dos olhos” dos governos. Usadas para a implementação de modelos inovadores de Ensino, elas têm Docentes de dedicação exclusiva e tempo para oferecer aulas além do currículo comum, com foco na escolha de carreira e habilidades socioemocionais.

Em São Paulo, as 182 Escolas de tempo integral da rede estadual trabalham com o “projeto de vida” do Aluno, auxiliando-o a escolher a profissão. Para isso, os Alunos têm aulas eletivas e criam projetos de pré-iniciação científica. Estudantes da Escola Estadual Jardim Riviera, em Santo André, na Grande São Paulo, já têm parcerias com pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Com 16 anos, Camila Agone, do 3.º médio, começou a estudar as propriedades medicinais da embaúba para tratar animais machucados.

O projeto evoluiu tanto que ela conseguiu parceria com a Faculdade de Medicina do ABC, a USP e a Unifesp. As propriedades da planta estão sendo testadas agora para a cosmetologia e a produção de fármacos. “Entrei no colégio pensando em fazer Matemática. Agora vou fazer Farmácia”, diz. Para a diretora da Escola, Cleide Torres, esse modelo de Ensino permite que os Alunos busquem sua autonomia.

Mais práticas. Em Pernambuco, 51% dos Alunos da rede estadual fazem o Ensino médio em tempo integral. “O diferencial é olhar o Aluno como um todo, das habilidades cognitivas a socioemocionais”, diz o secretário de Educação e Esportes, Ricardo Dantas. No Rio, 776 das 1,2 mil Escolas estaduais são em tempo integral e seis trabalham o Aluno de forma ampliada, desenvolvendo diversas áreas do conhecimento.

Particulares crescem mais

O aumento do Ensino integral na rede particular é bem maior que o registrado na pública. Na rede estadual paulista, as matrículas cresceram apenas 19,7%, de 2010 a 2013, passando de 84.951 para 101.724 no fundamental. Nas redes municipais, cresceu 45,6%: de 127.535 para 185.755 do 1.º ao 8.º ano.

Só o Estado é responsável por mais da metade (56%) das matrículas na rede particular do fundamental no País. São Paulo tem mais matrículas que as Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul – juntas, elas têm 29.682. Na Região Sudeste, São Paulo é responsável por 82,4% das matrículas do fundamental na Educação integral das instituições privadas.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Todos pela Educação	Editoria: Educação	Data: 17/09/2014
Assunto: Projeto		Página: Online



MATEMÁTICA NA COZINHA

Professora premiada criou projeto que ensina a relacionar a disciplina ao cotidiano

Fonte: O Estado de S. Paulo (SP)

Durante as séries iniciais da Escola, fazer o Aluno entender os primeiros conceitos da Matemática é tarefa que exige empenho do Professor e certa dose de inovação. E nada disso faltou para a Professora Andréa de Fátima Dias Tambelli, de 43 anos, que ensina Matemática para as turmas de 2.º ano da Escola da Vila, na zona oeste de São Paulo.

Ela criou um projeto para ensinar os sistemas de medidas por meio da culinária. A ideia deu tão certo que Andréa foi uma das dez Professoras vencedoras da 17.ª edição do prêmio Educadora Nota 10, da Fundação Victor Civita.

O projeto foi desenvolvido ao longo do primeiro semestre deste ano. Segundo a Educadora, os Alunos tinham dificuldade em compreender os significados de medidas de volume e peso e relacioná-las com situações reais. “Usamos receitas de cozinha para que as crianças pudessem usar uma variedade de instrumentos de medidas, como colher, copo medidor, liquidificador e balança. Dessa forma, puderam experimentar e atribuir sentido para a teoria.”

O resultado foi a melhora na aprendizagem e na avaliação das crianças. “Além de a forma de ensinar ficar mais divertida, potencializou a velocidade com que aprenderam os cálculos. A teoria era algo que incomodava os Alunos, era chata e limitava o uso da Matemática no dia a dia”, disse.

A coordenação da Escola aprovou o resultado e tornou a proposta um projeto fixo da disciplina. Neste semestre, outras Educadoras da instituição estão usando o projeto para ensinar seus Alunos. “Nossas estimativas no Ensino da Matemática melhoraram muito. As crianças ampliaram a possibilidade de ver os números funcionando de forma diferente”, afirmou Lilian Marciano, coordenadora do núcleo de Matemática da Escola da Vila.